S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 2 de janeiro de 1915 — ANNO XIV — N. 271

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO. . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

UMA ENCICLICA SOBRE A GUERRA

Benedito XV lançou encíclica sôbre a gueira e acha que parecem chegados os dias do supremo cataclismo anunciado por Cristo. Quem diria, exclama êle, que êsses homens tam encarniçados uns contra os outros são descendentes do mesmo pai e seres participantes da mesma natureza e da mesma sociedade humana?

Mas abaixo vereis que o supremo bonzo romano não considera tampouco irmãos e socios iguais êsses filhos do mesmo pai...

As causas da guerra são, na opinião do pontífice, as seguintes: 1.º o esfriar da caridade; 2.º o desprêzo da autoridade; 3.º o antagonismo das classes 4.º o desejo desenfreado dos bens temporais.

Pareceria, pois, que o papa, à maneira dos anarquistas, devia pedir a abolição das classes, a comunicação das riquezas, o fim da exploração e tiranização do homem pelo homem. Só assim, com efeito, suprimidas as causas de luta e antagonismo, de cubiça e de inveja, poderiam os homens apaziguar-se sólida e definitivamente e a «caridade» livremente florir e expandir-se.

Mas não. O magno sacerdote pretende que subsistam as classes — trabalhadores e parasitas, exploradores e explorados, opressores e oprimidos, — e roga hipocritamente que o lobo devore com caridade o cordeiro e que o cordeiro se deixe passivamente devorar pelo lobo.

E assim proclama aos crentes ingénuos:

Aqueles a quem a fortuna ou a actividade própria trouxeram alguma abundância de bens vêem levantar-se contra êles os proletários e operários azedados pela malevolência ao pensamento de que, participando da mesma natureza, não se acham entretanto na mesma condição que êles. Uma vez imbuídos das teorias mentirosas dos agitadores, ao menor gesto de quem êles teem o costume de se curvar inteiramente (é boa! diz isto o chefe infalível da Igreja dos dogmas e das obediências passivas!), quem poderia persuadi-los de que da paridade de natureza não deve seguir-se necessáriamente que todos os homens obtenham a mesma situação na sociedade, mas que a condição de cada um deve ser a que êle adquiriu com seus talentos quando não é impedido pelas circunstâncias? Assim os menos afortunados que lutam contra os ricos, como se estes detivessem uma parte dos bens alheios, não pecam sómente conrra a justiça e a caridade, mas violentam a própria razão, tanto mais que poderiam também, com honesta concorrência no trabalho, alcançar uma condição melhor, se assim quisessem.

Um velho filósofo, bem inspirado, disse um dia, aliás sem grande esfôrço de observação nem de inteligência, que «um homem de coração e de espírito só por acaso pode enriquecer». E' uma verdade banal e palpável, conhecida até pelos não-filósofos. A miséria e a ignorância andam estreitamente aliadas; e quanto mais longo, pesado e fastidioso é um trabalho, mais mal remunerado êle é, mais miserável e ignorante é quem o desempenha e menos probabilidade teem êste e os filhos de sair da sua condição. E' assim que a riqueza é fruto da «actividade própria!»

«E' mais fácil ganhar o segundo milhão do que o primeiro tostão», diz com acêrto a sabedoria das nações. Os que enriquecem a valer, ou o devem à herança (à fortuna, diz o papa, com linguagem vaga ou mitológica...) — do mesmo modo que os reis herdam a coroa, sejam embora míseros abortos físicos, morais ou intelectuais, — ou o devem ao trabalho... dos outros, na razão directa do número de salariados ou escravos modernos às suas ordens.

A Igreja, hoje como sempre, defende a escravatura e finge ignorar ou encobrir que uma das injustiças sociais consiste precisamente em não poder cada um, na sociedade actual, desenvolver as suas faculdades e aptidões, dar aplicação aos seus «talentos». A desigualdade não está na diferença de situação, mas no «ponto de partida», nos meios e condições de desenvolvimento e de vida.

Verdade seja que o pontífice romano fala em *circunstâncias* que impedem os homens de adquirir a condição adequada aos seus talentos... Ora as tais circunstâncias resultam precisamente do facto de «deterem os ricos uma parte dos bens alheios», ou antes, os meios de produzir; do facto de, por isso, regularem a produção em seu proveito exclusivo; do facto de obstarem ao desenvolvimento e aplicação completa daqueles meios produtivos.

Se a riqueza universal fôsse de todos e administrada por conta e em proveito de todos, se a produção fôsse regulada, não pela ganância duma minoria interessada na raridade do produto e na elevação dos preços, mas pelas necessidades reais de todos, não veríamos terras incultas, nem braços desocupados, nem máquinas inactivas, nem fábricas cerradas, nem matérias primas e materiais de construção inaplicados, nem produtos sem saída ou destruídos, enquanto os pobres pedem trabalho e carecem de tudo — pão, vestuário e abrigo com suficiência.

Se assim não é, como explicas tu, santissimo padre, êsses absurdos e contradições da economia capitalista?

O santíssimo bonzo não explica coisa alguma. Apenas diz estas profundas palavras: «Não precisâmos de repetir aqui os argumentos que refutam com evidência os erros dos *socialistas* e outros do mesmo género».

Como há-de, porêm, o pobre homem refutar o socialismo, se êle não sabe o que isso seja? Este grande doutor da Igreja merecia ficar reprovado no mais simples exame de economia política, se aos examinadores fôsse dizer o que impinge aos pobres de espírito que o escutam: «Suprimir a diversidade das condições e portanto das classes é coisa irrealizável, exactamente como no corpo vivo é impossível que os membros tenham todos a mesma função e igual dignidade.»

Mas quem diabo pretende que os homens desempenhem todos a mesma função?! Igualdade de condições significa: os meios de que dispõe a sociedade empregados em facultar a cada um o desenvolvimento e livre aplicação das suas capacidades próprias, em proporcionar a cada membro do organismo os elementos de que êle necessita para o seu regular, contínuo e equilibrado funcionamento — exactamente como num corpo vivo... Significa a supressão das funções inúteis e parasitárias e o dever para cada um de pagar a sua cota de trabalho manual, com o direito de consagrar à cultura do espírito e do coração, ao progresso da arte e da sciência, as largas horas de ócio, proporcionadas pela mecânica bem aplicada, pelo esfôrço solidário de todos os adultos válidos e por uma justa divisão de trabalho. Significa, santíssimo rábula, a equivalência das funções, igualmente necessárias à manutenção do organismo social.

E só assim, com a igualdade de facto, não com vãos e hipócritas apelos à caridade, terão fim as lutas dolorosas provocadas pela divisão em classes e as hediondas carnificinas originadas pela concorrência entre as cartas financeiras, com o apoio dos seus servidores, os Estados.

LISBOA, 13 DE DEZEMBRO DE 914.

Neno Vasco.

DE PARIS

FILOSOFIA SOB A METRALHA

A NOSSA FÉ E A DELES

E' forçoso combater. Mas combater não implica necessariamente entrincheirarem-se os homens debaixo do chão e regarem-se mutuamente de granadas. Ha mil razões de combate e muitas formas de luta.

Quando já não combatermos para defender a nossa dignidade e o nosso solo, recomeçaremos a combater para conquistar o nosso bem-estar e a equitativa repartição das nossas riquezas. E quando isso estiver feito, combateremos ainda por uma multidão de coisas que nos hão de faltar, por uma modificação do contrato social, por uma tese de industria ou de sciencia, por um ponto de direito ou de moral, por uma opinião.

Um dia virá em que havemos de lutar por objectivos que hoje nem sequer poderiamos conceber, por «infinitamente pequenos» que serão então grandes preocupações.

Combateremos sempre. O homem é um eterno guerreiro. Um eterno guerreiro e um eterno crente.

Boa gente, sem duvida, mas um pouco simplorios, os materialistas que nos ensinavam que o homem já não crê *porque já não tem medo e porque sabe.* Nunca saberemos tudo e nunca estaremos completamente tranquilos: havemos, pois, de crer sempre. Quem não crê vai a terra á primeira rajada de vento.

Mas todos crêem; e os que imaginam que não crêem, crêem assim mesmo. O objecto, porêm, da nossa fé muda e renova-se no decorrer das idades. A principio procuramos o divino fora do homem; agora procuramo-lo e cada vez o vamos achando mais no proprio homem.

E não é só na sciencia, nem só na democracia que nós cremos, como amiude se diz para logo se mostrar, maliciosamente, que a nossa religião é incompleta: é em nós mesmos, no homem com todas as suas forças, todos os seus valores, todos os seus poderes. E' na Humanidade, na sociedade humana, na comunhão dos homens caminhando segundo a sua lei para o seu destino. E a comunhão dos homens não cessa porque os homens se desconhecem, insultam e trucidam entre si.

Sim, como tudo, a fé evolui. E as antigas fés, as fés que não se renovaram, já não são fés mui solidas, já não são verdadeiras fés. São fés de superficie e de parada, de interesse, astucia e exploração: são crenças incredulas.

O sr. Maurras só politicamente é que é catolico. Vai á missa no interesse do seu partido. E suponho que muitos outros do seu partido fazem como ele. Os nossos bonitos senhores de acção francesa não se importam de que sejamos verdadeiros homens, ardentes e apaixonados, actuais e completos, crentes e combatentes da hora que decorre.

O que eles querem, pelo contrario, é manter-nos nas antigas lutas e nas antigas fés, sob os pardieiros do passado. E' conservar-nos na caserna, reconduzir-nos á Igreja; pôr um cirio em nossa mão, uma compressa de agua benta em nossas feridas; fazer dos nossos rapazes pupilos da tropa e meninos de côro.

Pretendem que isso já começou, que o Exercito e a Igreja retomaram e remodelaram a alma dos nossos filhos. Parece-me que se enganam e que nesta guerra faremos mais adeptos do que eles.

Numa série de habeis artigos — *As lições da guerra* — o sr. Paulo Bourget, academico, suplica-nos que voltemos atrás e canta-nos as litanias da Tradição.

Estranhos padres da Tradição! Matam-na, porque a imobilizam: nós mantemo-la, porque, conservando o que ela contém de vivo, eliminamos dela o que está gasto.

O sr. Bourget adjura-nos a voltar á missa e a adorar a Espada; e exclama, patetico:

«Para que Eles não tornem!»

Ora, se Eles vieram, a um sinal dos amos é porque eram «militares» e beatos, isto é, obedientes, ajoelhados, escravos. Se fazeis de nós, a nosso turno, beatos, ajoelhados e escravos, para outra vez nós é que iremos a casa deles. Qué diferença haverá?

Mas a gente de acção *francesa* não se prende com a *logica*. A' custa desse pobre sr. Bergson, confeccionou uma filosofia combinada de proposito para de antemão absolver, pela graça da Intuição e do Instinto, o pecado de contradição.

Há só um mal. O cerebro, não sendo tudo, ocupa entretanto o seu lugar nas coisas humanas. E o nosso cerebro — que imbecil — sente horror pela contradição.

Paris, 26 de novembro.

Charles Albert.

A reacção clerical

Durante e após as grandes catastrofes — epidemias, terramotos, erupções, guerras, etc. — observa-se em geral uma recrudescencia de fé religiosa nas massas. Esse enfraquecimento de espirito atinge mesmo alguns individuos que pareciam emancipados de erros e vãos temores: é o contagio.

Os clericais aproveitam a actual guerra para pescar nas aguas turvas e andam cheios de esperança, assim como de actividade. Em França, por exemplo, trabalham ardentemente para o restabelecimento do seu antigo poderio e influencia, ao abrigo da «reconciliação nacional». Pedem a readmissão dos congreganistas expulsos, o regresso das irmãs de caridade, preces publicas oficiais, o ensino do catecismo nas escolas publicas, a restauração das igrejas destruidas, uma catedral em honra de Joana d'Arc, o restabelecimento das relações diplomaticas com a Santa Sé e outras coisas mais. E o caso é que começaram a obter alguma coisa. Depois, no supremo comando do exercito estão discipulos e criaturas dos jesuitas, e se o exercito sai vitorioso, quem sabe lá os sonhos que se poderão realizar?... Só Deus Nosso Senhor...

Tudo isto prova como os anticlericais e livres pensadores teem que combater, não só a Igreja, mas a guerra, o militarismo e todas as instituições autoritarias. E ninguem deve desanimar, mas redobrar de esforços. Demais, a guerra destroi muitos prestigios e tambem nos fornece bons argumentos...

A IGREJA DEU O EXEMPLO

Respondendo aos clericais franceses, diz *La Bataille Syndicaliste*:

Foi preciso chegar o cristianismo, isto é a mentalidade religiosa que pretende constituir hoje a originalidade da França, para que o pensamento grego, luz da civilização, desaparecesse num eclipse que mergulhou esta civilização nas trevas por um milhar de anos. Quando o cristianismo pesava ainda com todas as forças do seu apagador sobre a cultura francesa que se formava na arte dos troveiros, dos contistas, dos construtores de catedrais e campanarios, nos esforços laicos das universidades e comunas, já a Alemanha recorria a esta cultura nascente, escutava e registava os seus primeiros vagidos. A Alemanha não pediu porventura á França medieval a arte getica das catedrais, inspirada, não pela Igreja, mas pelo Oriente persa, e das epopeias e fabelas, e não trabalhou com ela no advento da Renascença e da Reforma? Hoje, não foi a Alemanha que maior parte tomou na restauração da literatura dos trovadores e da lingua provençal, outrora afogadas pela Igreja no sangue dos albigenses?

Os alemães, destruidores de Lovania, Reims e Arrás, caluniam a sua raça quando pretendem representar a "pura raça alemã"; carregam-na de taras que não são suas. O seu kaiser injuria Atila quando dá este nome a um dos seus filhos (Eitel-Atila). Os primeiros germanos não eram destruidores de obras de arte; foi da Igreja, sempre dela, que eles aprenderam esta infame tarefa quando ela se entendeu com eles para que só os bens e pessoas do clero fossem respeitados por ocasião das invasões. Não foi o papa Gregorio, chamado "Magno", quem, em 560, queimou a biblioteca do Palatino, destruiu os templos e estatuas que restavam em Roma, expulsou os sabios e proibiu lá o ensino da gramatica? Não foi a Igreja que fez desaparecer quasi todos os livros nos primeiros tempos do seu poderio, que destruiu as duzentas mil obras gregas de um só exemplar contidas na biblioteca de Pérgamo e que reduziu a literatura grega aos 61 volumes *in-folio* que nos restam hoje? Não foi ela ainda que, no antigo Egipto, incendiou as cidades e templos antigos, pulverizou as imagens dos deuses, fez lapidar a divina Hipatia?

Por toda a parte semeou a Igreja as ruinas e os morticinios. E são os seus partidarios, os seus defensores, a gente da *Croix* e da *Action Française*, que mais asperamente censuram hoje aos alemães os seus actos de vandalismo. Foi preciso, dizem eles, um alemão para bombardear o Partenão! Se o Partenão ficou reservado para as granadas teutonicas é porque a Igreja não o pôde alcançar.

Nietzsche ou Biblia?

No escrito em que Gerardo Hauptmann, o autor de *Os Tecelões*, defendeu os alemães da acusação de barbaria, diz-se que cada soldado do Kaiser leva na mochila ou uma Biblia ou, entre outros, um livro de Nietzsche. E do seu lado, os clericais anglo-franceses dizem que a ferocidade germanica é em parte devida aos ensinamentos do anti-cristão criador de Zaratustra!

Parece, porêm, que os guerreiros leitores de Nietzsche não meditam muito esta passagem do *Humano, demasiado humano*:

A doutrina do exercito como meio de defesa deve ser abjurada tão completamente como a ambição de conquista. Virá talvez um dia memoravel em que uma nação afamada em guerras e vitorias, eminente pelos mais altos desenvolvimentos de ordem militar e pela inteligencia e acostumada a fazer os mais pesados sacrificios a tais objectos voluntariamente exclamará: «Vamos quebrar as nossas espadas e destruir todo o sistema militar, cano, fechos e coronha. Tornarmo-nos indefesos (depois de termos sido os mais fortemente defendidos) por uma elevação de sentimento — tal é o meio de produzir uma paz genuina, que ha-de sempre assentar em disposições pacificas. A chamada paz armada que prevalece agora em todos os paises é sinal de disposições belicosas, de disposições de quem não confia em si nem no vizinho e, em parte por medo, em parte por odio, recusa depor as armas. Antes perecer do que odiar e temer, e antes duas vezes perecer do que tornar-se odiado e temido — tal ha-de vir a ser um dia a maxima suprema de cada comunidade politica.

Afinal, Nietzsche é bem pouco lido, mesmo na Alemanha. E' formada de bons cristãos a imensa maioria dos combatentes. Se algum livro influi sobre eles, é a Biblia, em que se louva o Deus dos exercitos, a cujas narinas é grato o aroma das matanças.

A religião na sociedade futura (1)

A revolução atacara sobretudo ás instituições: nisso se diferençara das revoluções anteriores, — e fôra isso o que lhe dera o seu caracter social. Considerara inofensivos os privilegiados, uma vez desembaraçados dos seus privilegios, isto é, tão pouco perigosos como crótalos aos quais tivessem sido arrancados os dentes da peçonha. Ferira o Estado em seus organismos, — e olvidara o papel nefasto do seu pessoal, quando este aceitara entrar nas fileiras do povo, regenerar-se pelo trabalho.

Feriu igualmente a Igreja em suas obras vivas, nos monumentos em que se cristalizava a sua obra de mal e de perversidade. Procedeu-se a respeito dela como a respeito de todas as potencias do passado: as suas riquezas voltaram ao povo, e os seus padres tiveram que se entregar ao trabalho, sendo o seu parasitismo tão incompativel como outro qualquer com a nova organização.

Certamente, ao estalar a revolução, a Igreja parecia decaida do seu poder; o regime da separação parecia tê-la enfraquecido. As novas gerações estavam impregnadas de indiferença em materia religiosa. Apesar disso, o povo lembrava-se de ter sido ela a fonte original de todas as servidões, não tendo sido o Estado senão o seu irmão segundo; por isso, não teve a imprudencia de a desdenhar.

Houve, porêm, entre os revolucionarios duas correntes, não quanto á atitude que convinha observar para com a Igreja como casta privilegiada, ponto sobre o qual era unanime o acordo, mas sim quanto ao que se devia fazer dos monumentos cultuais.

Uns consideravam as igrejas, as catedrais, como podendo ser utilizadas de diversas maneiras, — quer como salas publicas, quer como museus; lembraram que em 1793 os *sans-culottes* as transformaram em salões de reunião e mesmo em armazens de forragem e em cavalhariças; acrescentavam que na idade media, época de fervor religioso no entanto, as igrejas serviam para muitos usos: para mercados e salas de espectaculo. Por conseguinte, tanto por utilidade como por sentimento artistico, opinavam pela conservação dos monumentos religiosos.

Contra semelhante tese, elevavam-se outros com vigor, pedindo que se derruissem sem piedade todos os edificios cultuais. E os que propugnavam esta destruição estavam longe de ser homens de espirito barbaro; eram pelo contrario dos mais cultivados. Não havia neles odio algum ao monumento,

— mas unicamente o odio á superstição de que ele era simbolo. Proclamavam que a critica não mata as religiões; que se pode baldadamente, de geração em geração, demonstrar o seu absurdo... que elas continuam a ter fieis, enquanto se mantiver de pé o centro de atracção magnetica que é e igreja. E ajuntavam que os primeiros cristãos bem o sabiam: a prova é que, como verdadeiros revolucionarios, mal haviam triunfado, tinham tido o cuidado de derribar os templos do paganismo, — quando tão simples seria tê-los purificado e utilizado. Os cristãos, observavam eles, compreenderam que a uma fé nova eram necessarios monumentos novos, — e foi isto que constituiu a sua fôrça!

Este senso revolucionario possuido pelos cristãos do seculo IV, não o encontravam os partidarios da demolição das igrejas nos revolucionarios de 1793-94: «Mesquinhos revolucionarios que, para descristianizar a França, se limitavam a derribar, com grande pompa, os bonecos de pedra dos porticos das igrejas, e julgavam-se da mais requintada audacia transformando estas em granjas ou salas de reunião. Quanto melhor não teriam andado guilhotinando menos padres e derruindo mais igrejas!... Por isso, alguns anos depois, viu-se o resultado deste erro: quando Napoleão I quiz restaurar a religião cristã, não houve coisa mais simples: bastou reabrir as igrejas e santifica-las.» E concluiam: «Sirva-nos de lição o exemplo do passado. Não tornemos a cair nos erros dos nossos maiores.»

Contra esta tatica indignavam-se os amantes das belas pedras; advogavam o respeito das catedrais em que se incrustara a alma de nossos pais, — que nem sempre foi muito catolica.

Entre essas duas argumentações contraditorias, após vivas discussões, fazia-se muitas vezes o acordo por meio de um compromisso: assentava-se em respeitar os monumentos que simbolizavam uma época, diziam a sua arte, — e em ser implacavel para com as construcções horriveis, edificadas por arquitectos tão falhos de arte como de fé.

Assim, em muitos centros preparava-se a descristianização. Mas, nessas circunstancias, assim como nas outras, manifestava-se o espirito da revolução: ela pretendia modificar o homem transformando o meio. E era por isso que, execrando embora as superstições, e derribando as igrejas, os revolucionarios respeitavam a fé de cada um.

Este respeito das crenças suscitou, no seio do catolicismo, uma modificação cujos primeiros sintomas se tinham já revelado em regime capitalista, em seguida á separação das Igrejas e do Estado. Bastantes padres, principalmente nos campos, — tinham-se esforçado por ganhar os seus antigos vencimentos entregando-se ao trabalho. Uns tinham-se feito apicultores, outros fabricantes de conservas de legumes ou frutas, ou ainda marceneiros, encadernadores. Pouco ou muito, tinham assim deixado de ser parasitas, conservando-se embora padres. Estavam, pois, um pouco preparados para a vida da sociedade nova, donde eram eliminados os seres parasitarios. Assim, enquanto os bispos e os padres dos grandes centros, habituados á vida artificial que tinham levado até então, se viam desarvorados, os curas de aldeia, meio trabalhadores, adaptavam-se sem estorvos ao novo ambiente; continuavam entretanto a desempenhar as suas funções cultuais, ninguem os embaraçando nisso. A' prédica ia quem queria.

Demais, ia-se acentuando a indiferença religiosa. Já antes da revolução o espirito de exame abalava interiormente o catolicismo: os padres que se tinham posto a trabalhar sentiam-se mais independentes da autoridade episcopal e, ganhando audacia, manifestavam as suas duvidas; aos absurdos do catolicismo opunham a palavra do evangelho e escorregavam insensivelmente para um vago cristianismo, bem pouco ortodoxo. A revolução acelerou este movimento.

O importante era terem-se irrevogavelmente desfeito todas as castas religiosas; não poder pessoa alguma, com a desculpa de ser padre, ministro protestante ou rabino, considerar-se exonerado de trabalho e viver na ociosidade, á custa dos seus semelhantes. Era o ponto principal. Admitido isto, tinha cada um a liberdade de acreditar ou deixar de acreditar, de ser cristão ou espiritista, budista ou teósofo. Era uma questão individual, sem repercussão social possivel.

A fé baixava, aliás, nas populações, com a elevação do bem-estar, — mais ainda do que com a instrução. Outrora, muitos procuravam uma consolação para as miserias da vida no aniquilamento ao pé dos altares, — assim como outros esperavam acha-la no fundo dum copo de alcool. A religião e o alcoolismo desempenhavam então o papel de anestesicos, — um mais material, o outro mais intelectual, — aos quais recorriam muitos desesperados, escolhendo um ou outro, conforme as suas condições morais, o seu grau de desenvolvimento.

A segurança material, desde então garantida, contribuira para impedir esses lamentaveis desfalecimentos. O alcoolismo desaparecia e a superstição perdia terreno.

E. Pataud e E. Pouget.

(1) O presente escrito é um excerpto do conhecido livro de Pataud e Pouget — *Comment nous ferons, la Révolution*, no qual os autores supõem já realizada ha muito a revolução social, fantasiando o seu modo de operar e a sociedade resultante dela.



Excursão pela Sorocabana e Ituana e pela Noroeste

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha embarcou no dia 1 do corrente para percorrer as localidades servidas pelas estradas Sorocabana e Ituana, Noroeste e o Estado do Paraná.

São as seguintes as localidades que deverão ser visitadas em primeiro lugar:

Conhas, Laranjal, Butucatú, Avaré, Pirajú, Santa Cruz do Rio Pardo, Chavantes, Irapé, Salto Grande, Campos Novos do Paranapanema, Platina etc.

Na fórma do costume, e hoje com muito mais razão, somos forçados a dirigir um apelo aos assinantes da Lanterna *residentes nas localidades a serem visitadas para que correspondam aos esforços do nosso companheiro.*

Sabemos perfeitamente que o momento é de dificuldades gerais, mas, salvo os casos de impossibilidade forçada, com um pouco de esforço todos poderão contribuir com a importancia de sua assinatura, que, afinal, não chega ao preço de uma missa de segunda ordem...

Na ultima viagem feita, não poucas pessoas aconselharam o nosso companheiro a que adiasse a cobrança para outra ocasião, esquecendo-se do que aqui já temos dito um centenar de vezes e que ninguem desconhece, isto é, que a Lanterna *vive exclusivamente da contribuição dos seus assinantes. Não conta, ela felizmente e honrosamente, com as subvenções de quem necessita da complacencia da imprensa, não tem a renda de anuncios e não recebe auxilio de agremiação alguma. Unicamente das assinaturas vive ela. Com dificuldades incontaveis, mas assim é — e oxalá assim possa continuar a ser. Julgamos ter deixado bem esclarecida a situação. Os amigos do jornal das zonas mencionadas que procedam agora como é preciso.*

MANUEL CAMPOS

Conhece-se, finalmente, o paradeiro de Manuel Campos.

Está o nosso companheiro em Lisboa, de onde nos escreveu a carta seguinte:

«Camarada Edgard:

Saude!

A presente tem por fim comunicar-te que me acho em Lisboa desde o dia 25 de novembro.

No dia 8 do mesmo mez, dia esse indicado pelos camaradas da Confederação Operaria Brasileira para a manifestação de protesto contra a minha prisão, os cães da policia puzeram-me incomunicavel e no dia 11 fizeram-me embarcar no vapor *Gelria* com destino ao porto de Leixões. Fiquei, porêm, em Lisboa.

Como deves saber, os miseraveis não me deixaram trazer roupa alguma nem o dinheiro do meu ultimo salario que eu tinha em poder de um camarada do Rio.

Fizeram-me embarcar enquanto o vapor estava ao largo, e uma vez a bordo puzeram-me na primeira classe em um luxuoso gabinete, onde fui conservado até o vapor sair barra fora, sendo depois levado para a terceira classe.

O meu endereço em Lisboa é o seguinte: Federação Metalurgica, Largo do Poço Novo, 27-2.º.

Lembranças a todos os camaradas.»

Está, portanto, consumada a grande infame: Manuel Campos, apesar de aqui ter residido desde a idade de dois anos, foi escorraçado do paiz somente porque essa foi a vontade dos miseraveis parasitas que vivem em Santos a explorar os trabalhadores e dos traficantes que do poder roubam e oprimem o povo.

Corja de bandidos, dia ha-de vir que tereis de ajustar contas com aqueles que hoje vilipendiais miseravelmente!

Na Estrada de Ferro do Paraná

A falta de organização entre as diversas classes produtoras é o que dá margem a abusos que não raras vezes se transformam em exploração miseravel e deshumana. A socialização é tão necessaria, tão indispensavel ao homem, que na manifestação de todos os seus actos, por mais insignificantes que eles sejam, nota-se-lhe francamente a tendencia inata da união, da juncção, da convivencia associativa com seres da mesma especie, tem a nitida compreensão de que, isolado, só, insociavel, ser-lhe-ia impossivel a vida...

Entretanto, ide dizer-lhe, com toda a franqueza e sinceridade, desinteressadamente, que é preciso juntar, unificar as forças de todos os trabalhadores, de todos aqueles que produzem materialmente e moralmente, afim de pôr um paradeiro á exploração de que é vitima voluntaria e melhorar a sua condição de pária escarnecido, desconsiderado e vilmente explorado, e obterás como resposta uma sacudidela de hombros, quando não sejam insultos e grosserias ou o epiteto de explorador da sua simplicidade, sem se lembrar ou sem perceber que os parasitas e sugadores do seu sangue são precisamente os pseudo protetores, os que *lhe dão de comer*, no seu obtuso modo de pensar!

Sugeriu-me dar ao papel estas linhas, uma discussão que presenciei entre alguns empregados da Estrada de Ferro do Paraná, que lamentavam a triste e penosa situação a que se vêm reduzidos de um certo tempo para cá.

Conheço de côr e salteado, desde muitos anos, o czaresco sistema adoptado pelas diversas administrações dessa privilegiada ferro-via, mas nunca, como agora, a opressão e a exploração exercidas sobre os seus empregados, atingiram as raias de semelhante semvergonhismo!

Sob o comodo pretexto da actual crise, praticam-se verdadeiras barbaridades, cometem-se actos os mais degradantes, — e sempre em prejuizo dos fracos e humildes empregados, já reduzindo-lhes os minguados vencimentos a uma mesquinha proporção, já sujeitando-os ás mais aviltantes humilhações, já extorquindo-lhes boa parte do miseravel salario a titulo de fiança!

A celebre invenção de obrigar uma parte dos empregados ao desconto de uma porcentagem mensal como garantia de eventuais e provaveis desfalques (sempre tão frequentes e impunes nas altas rodas administrativas) é a que mais provoca o riso, se não causasse asco e indignação.

E sabem como?

Os empregados, agentes, chefe de trens, bagageiros, pesadores, etc. deixam no fim de cada mez, a titulo de caução, 15 % do seu salario até perfazer uma determinada quantia, sem se lhe entregar um recibo, um documento que prove o ter ele depositado esse dinheiro!

— Não é preciso, respondera o encarregado dessa extorsão, a alguem que se arriscára a exigir alguma coisa que pudesse garantir a devolução do seu rico cobrinho; no dia em que o senhor sair da Estrada pode reclamar o seu deposito e este ser-lhe-á entregue imediatamente.

Ora, já viram tamanha desconfiança?

Ah! mas edificante e torpe é o seguinte: Refiro-me á classe dos guarda-freios, a esses pobres diabos, os mais vilipendiados, os mais torpemente explorados e roubados.

Convem relevar que ha guarda freios escalados para os trens de cargas que iniciam a sua viagem ás tres horas da madrugada e voltam aos *sagrados lares* não raras vezes á meia noite!

No dia seguinte os *guardas-freios da Mallet*, é como são conhecidos, folgam; é natural... Pudera! é preciso descançar, depois de 20 horas de trabalho, muitas vezes debaixo da inclemencia de chuvas torrenciais... Descança:... mas não sabem que esse dia de *folga* lhe é descontado no fim do mez? E', sim senhores!

Duvidam?...

Pois lá vai uma prova.

O ordenado de um aperta-breques é de 75$000 a 100$000.

Pois, *em virtude da crise que avassala o mundo* (Não acham de efeito a frase? Não é minha: florio do discurso de um economista oficial de grande renome) a Estrada vê-se obrigada a fazer economias e por isso desconta-se ao guarda freio 15 dias por mez, ficando reduzido o seu ordenado a uns 40$000..

E' pouco?...

Ah! mas é preciso descontar as folgas... A Estrada não pode pagar a mandriões...

E as 20 horas?...

Isso é assunto de somenos importancia!

O caso é serio e eu deixei-me levar pela galhofa!

Não importa, os interessados, os que sentem onde lhe aperta o sapato tambem não tomam o negocio a serio e levam a troçar... porque afinal de contas é preciso não esquecer que a crise... é a unica culpada de tudo isto.

E' verdade que para os empregados de alta patente não ha crise... Eles continuam a perceber pingues ordenados...

O humilde, o miseravel, o desclassificado é que deve pagar o pato.

E' de lei e a lei é igual para todos... os bonzos.

Sujeitem-se, pois, os empregados da Paraná aos *efeitos da crise* e se não se quizerem sujeitar... vão reclamar ao bispo.

Ou então exijam o cumprimento da circular emanada da chefia do trafego em dias do mez de novembro p. p. que dizia ser ordem da Inspectoria Geral suspender os descontos dos empregados, e não obstante essa disposição dos altos poderes da Estrada, continúa a extorsão sem que ninguem proteste serialmente, além de vagos murmurios e queixas feitos á guisa de cochichos, timidamente, e que nada resolvem de substancial e positivo.

E' preciso mostrar os dentes, com energia e sem receios, desassombradamente convencidos de que vós sois a força, o progresso, tudo, sem o que são inuteis essas lamentações e essas choradeiras proprias de gente pusilanime, sem a minima noção do seu poder, da sua utilidade, dos seus incontrastaveis direitos.

POVO! TU ÉS PEQUENO PORQUE ESTÁS DE JOELHOS! ERGUE-TE E SERÁS GRANDE!

Fabio.

"A LANTERNA"

Em tratamento de sua saude bastante alterada, seguiu para o interior o nosso companheiro Edgard Leuenroth, razão por que retardamos a publicação de muita materia que está a seu cargo.

A "Lanterna" em Jardinopolis

Uma festa clerico-enxofrada

Como ha já bem tempo que a nossa Jardinopolis do nunca esquecido Ravaioli não aparece nas colunas da *Lanterna*, venho faze-la lembrada com uns ligeiros comentarios a uma festa aqui realizada pelas sagradas e respeitabilissimas religiosas do Instituto das Religiosas Franciscanas Missionarias e Colegio do Sagrado Coração de Jesus. (Uf!)

Foi, realmente, uma festa curiosa. Basta passar uma vista d'olhos pelo seu programa que, diga-se de passagem e sem segunda intenção, foi impresso nas oficinas do *Jardinopolis*...

E' um programa de arromba, um programa de encher as medidas aos senhores da religião.

Abre-o, como uma homenagem ao decreto republicano que separou a Igreja do Estado, o Hino Nacional!

Vem depois uma peça em que ha uma senhora *decaida* representada por uma menina.

O mais importante, porêm, está no fim, a fecha-lo com chave de ouro. E não podia ser de outra fórma: uma festa clerical que começa com o Hino Nacional não podia encerrar-se cristãmente senão com um discurso de um livre pensador.

Não se admirem, porque a verdade fala por estas sacras linhas. Um livre-pensador, sim, senhores, foi escolhido para encerrar a festa do Instituto das... completem os leitores o resto porque o espaço é reduzido.

Lá está, no programa de encher as medidas... ás senhoras missionarias o nome enxofrado precedido de um respeitoso Exmo. Sr.

Eduardo Vassimon — *ecce homo!* Nos bons tempos das loucuras juvenis, escreveu para as folhas rebeldes, discursou por aí além e trabalhou na *Lanterna*. A *struggle for life* fez, porêm, os seus estragos. Não erra a observação popular dizendo que com as banhas cresce o apego pelo *dolce far niente*.

Vêem, pois, os leitores da *Lanterna* que não foi mal apanhei o assunto que escolhi para tornar lembrada a Jardinopolis das batalhas anticlericais.

V. A. Simão.

Palavras de oiro

São de um artigo do ilustre escritor francez Romain Rolland os eguintes excerptos:

Como! vós tinheis nas mãos tais riquezas vivas, esses tesoiros de heroismo! Em que os empregais vós? Que escopo ofereceis vós á dedicação magnanima dessa juventude ávida de sacrificio? A chacina reciproca desses moços herois! A guerra europeia, essa peleja sacrilega, que oferece o espectaculo duma Europa demente, subindo á fogueira e dilacerando-se por suas mãos, como Hercules!

Assim, os três maiores povos do Ocidente, os guardas da civilização, encarniçam-se na sua ruina e chamam em seu socorro os cosacos, os turcos, os japoneses, os cingaleses, os sudaneses, os senegaleses, os marroquinos, os egipcios, os *sikhs* e os cipaios, os barbaros do polo e os do equador, as almas e as peles de todas as côres! Dir-se-ia o imperio romano, no tempo da Tetrarquia, fazendo apêlo, para se devorar, ás ordas do universo!... Está então tão solida a nossa civilização, que não receais abalar-lhe os pilares? Pois não vêdes que, se ruir apenas uma coluna, tudo desabará sobre vós? Pois não era possivel terdes conseguido, se não estimar-vos, pelo menos suportar cada um as grandes virtudes e os grandes vicios do outro? E não deverieis ter vos aplicado a resolver num espirito de paz (nem sequer o tentastes sinceramente) as questões que vos dividiam — a dos povos anexados contra sua vontade — e a repartição equitativa entre vós do trabalho fecundo e das riquezas da Terra? Ha-de o mais forte sonhar perpetuamente com fazer pesar sobre o outro a sua sombra orgulhosa, e hão de os outros perpetuamente unir-se para o derribar? Esse jogo pueril e sangrento, em que os parceiros mudam de lugar todos os seculos, não terá jamais fim, até á exaustação completa da humanidade?

Bem sei que os chefes de Estado, autores criminosos dessas guerras não ousam aceitar a responsabilidade delas; cada um deles se esforça velhacamente por lançar esse peso para cima do adversario. E os povos que os seguem doceis, resignam-se dizendo que um poder maior que os homens tudo conduziu. Mais uma vez se ouve o secular estribilho: "Fatalidade da guerra, mais forte do que qualquer vontade" — o velho estribilho dos rebanhos, que da sua fraqueza fazem um deus e que o adoram! Os homens inventaram o destino, afim de lhe atribuir as desordens do universo, que eles teem o dever de governar. Não existe fatalidade! A fatalidade é o que nós queremos. E mais amiude é tambem o que não queremos bastante. Faça cada um de nós neste momento o seu *mea culpa!* Esse escol intelectual, essas Igrejas, esses partidos operarios não quizeram a guerra... Seja! Que fizeram eles para a impedir? Que fazem eles para a atenuar? Atiçam o incendio; todos lhe levam o seu feixe.

... Não são sómente as paixões de raça que lançam cegamente milhões de homens uns contra os outros, como formigueiros, sentindo-lhes o perigoso calafrio os proprios paises neutros; é a razão, a fé, a poesia, a sciencia, são todas as forças do espirito que estão arregimentadas, seguindo em cada Estado os exercitos. No escol de cada país, não ha quem não proclame convitamente que a causa do seu povo é a causa de Deus, a causa da liberdade e dos progressos humanos. E eu tambem o proclamo...

... Mas as duas potencias morais cuja fraqueza esta guerra contagiosa mais revelou são o cristianismo e o socialismo. Esses apostolos rivais do internacionalismo religioso ou leigo mostraram-se de subito os mais ardentes nacionalistas. Hervé pede que o deixem morrer pela bandeira de Austerlitz. Os puros depositarios da pura doutrina, os socialistas alemães, apoiam no Reichstag os creditos para a guerra, põem-se ás ordens do ministerio prussiano, que se serve dos jornais deles para espalhar as suas mentiras até nas casernas e que os expede, como agentes secretos, para procurarem aliciar o povo italiano. Por um instante, julgou-se, para honra da sua causa, que dois ou três deles se tinham feito fuzilar, recusando pegar em armas contra seus irmãos. Protestam, indignados: marcham todos de espingarda em punho. Não; Liebknecht não morreu pela causa socialista: foi o deputado Frank, o principal campião da união franco-alemã, que caiu sob as balas francesas, pela causa do militarismo. Porque esses homens, que não teem coragem de morrer pela sua fé, teem a de morrer pela fé dos outros.

Quanto aos representantes do principe da paz, padres, pastores, bispos, é aos milhares que eles vão praticar na chacina, de carabina em punho, a palavra divina: "Não matarás" e "Amai-vos uns aos outros".

... Vamos, voltemos a nós! Sejam quais forem a natureza e a virulencia do contagio — epidemia moral, forças cosmicas — não é possivel resistir-lhes? Combate-se uma peste, lutamos mesmo para fazer face aos desastres dum tremor de terra. Ou havemos de nos inclinar, satisfeitos, diante deles, como o estadista Luigi Luzzatti, em seu famoso artigo: "No desastre universal, triunfam as patrias"? Havemos de dizer com ele que, para compreender "esta verdade grande e simples", o amor da patria, é bom, é salutar que "se desencadeie o demonio das guerras internacionais, que ceifam milhares de seres"? O amor da patria só pode então florir no odio das outras patrias e na chacina dos que se entregam á defesa delas? Ha nessa proposição um feroz absurdo e não sei que diletantismo neroniano, que me repugnam, que me repugnam até ao fundo do meu ser. Não, o amor da minha patria não quer que eu odeie e mate as almas pias e fieis que amam as outras patrias. Quer que eu as honre e procure unir-me a elas para nosso bem comum.

Vós, cristãos, para vos consolar da vossa traição á ordem de vosso Mestre, dizeis que a guerra exalta as virtudes de sacrificio... Mas não haverá melhor emprego para a dedicação dum povo do que a ruina dos outros povos? E não pode um homem sacrificar-se, cristãos, sem consigo sacrificar o proximo? Bem sei, pobre gente, que muitos de vós de melhor vontade oferecem o seu sangue do que derramam o dos outros... Mas no fundo, que fraqueza! Confessai, pois, que vós, que não tremeis diante das balas e lanternetas, tremeis ante a opinião

submetida ao idolo sangrento, mais alto do que o tabernaculo de Jesus: o cioso orgulho de raça! Cristãos de hoje, não serieis capazes de ter recusado o sacrificio aos deuses da Roma imperial. O vosso papa Pio X morreu de dor, dizem, ao ver estalar esta guerra. Como se fosse isso o que urgia fazer!... O Jupiter do Vaticano, que prodigalizou os seus raios contra os padres inofensivos tentados pela nobre quimera do modernismo, que fez contra esses principes, contra esses chefes criminosos, cuja desmedida ambição desencadeou sobre a Terra a miseria e a morte?...

... Quanto a vós, socialistas, que pretendeis, cada um de vós, defender a liberdade contra a tirania — franceses contra o kaiser — alemães contra o tsar — trata-se de defende um despotismo contra outro despotismo? Combatei-os ambos, e juntai-vos!

Entre os nossos povos do Ocidente, nenhuma razão de guerra havia. Apesar do que repete uma imprensa envenenada por uma minoria interessada em manter esses odios, irmãos de França, irmãos de Inglaterra, irmãos de Alemanha, nós não nos odiamos. Conheço-vos, conheço-nos. Os nossos povos só pediam paz e liberdade. O tragico do combate para quem estivesse colocado no centro da paleja e pudesse mergulhar a vista das altas chãs suiças em todos os campos inimigos, é que cada um dos povos está na verdade ameaçado em seus bens mais queridos, na sua independencia, na sua honra e na sua vida. Mas quem lançou sobre eles esses flagelos? Quem os levou a essa necessidade desesperada de esmagar o adversario ou morrer? Quem, senão os seus Estados, isto é (a meu ver), os tres grandes culpados, as tres aguias rapaces, os tres imperios, a tortuosa politica de casa de Austria, o tsarismo devorador e a Prussia brutal? O peor, inimigo não está fora das fronteiras está em cada nação; e nenhuma tem a coragem de o combater.

FESTA DE PROPAGANDA DEDICADA Á ESCOLA MODERNA DE S. PAULO

Será realizada no dia 9 de janeiro de 1915, ás 8 e 1/2 da noite, no Salão Italia Fausta, á rua Florencio de Abreu, 45.

PROGRAMA:

I — *O Mestre*, drama em 1 acto de R. Rousselle, em portuguez.

II — *¡Hambre!*, peça em 1 acto de Romulo Ovide, em espanhol.

III — *Conferencia*, em portuguez.

IV — *O Desmoronamento*, peça social em 1 acto, em portuguez.

V — *Quermesse e baile.*

Coleções completas da 'Lanterna,

—x—

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna *adquirirem a coleção completa dos seus cinco anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.*

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 60$, os cinco anos da presente fase, encadernadas em capa cartonada.

Só serão satisfeitos os pedidos que viere acompanhados das respectivas importancias.

No Rio Grande do Sul

ESCOLA DE ENSINO RACIONAL

Um grupo de livres pensadores propõe-se a proteger a educação do individuo sob o ponto de vista racional, contido no seguinte credo:

O limite da investigação do espirito humano é a eternidade da materia, do tempo e do espaço. Todos os seres são coeternos. Só a forma é temporaria; em consequencia, o que desaparece não acaba, transforma-se. As transformações (inclusive as imperceptiveis por sua pequenez ou por sua imensa grandeza) são sucessões de formas encaminhadas á perfeição. Sendo tudo eterno, essa perfeição futura não tem limites. Tudo que existe, inclusive a humanidade, é um conjunto de elementos infinitamente diminutos com relação ao conjunto Eternidade. Esse todo perpetuo é a existencia suprema que se póde compreender e demonstrar. E' a grande existencia, vulgarmente chamada Deus.

***

Do concurso universal á perfeição ilimitada deduz-se que a humanidade materia deve conter um conjunto de leis fisicas e que a humanidade-espirito deve obedecer a um conjunto de leis morais.

As leis fisicas derivam-se da natureza material da humanidade; as leis morais, das necessidades do espirito.

Conjugadas, as leis fisicas e morais asseguram a realidade da perfeição relativa.

Tudo é solidario na obra universal. O individuo-materia e o individuo-inteligencia se completam por meio do conjunto universal, da mesma forma porque este se completa por meio do individuo.

Os deveres fisicos e morais da humanidade devem ser satisfeitos pela humanidade mesma em cada uma de suas moleculas homens.

Exactamente por isso, a humanidade está obrigada a pôr o individuo em condições de bem satisfazer os seus deveres fisicos e morais. O individuo, em troca, tem a obrigação de receber todos os meios que a coletividade para isso lhe ha de facilitar.

Estes deveres e obrigações identicas produzem a igualdade, ou seja uma relação social tão perfeita que exclue todo outro vinculo.

Em consequencia, o concurso consciente, identico e obrigativo de todos para a perfeição de todos deve ser a forma unica da vida humana.

***

Subordinando-se a esses principios e ás lições dos mestres que definem a *Razão* como a maxima potencia intelectual, a luz que guia o espirito humano nas concepções cosmicas até o Infinito e o Absoluto, a Escola de Ensino Racional assume o caracter de educadora dos sentidos e das forças intelectuais. Habilitar o homem a bem discernir e raciocinar com justeza; guia-lo no convivio social, até que possa cumprir a dificilima tarefa de procurar sempre harmonizar os sentimentos afectivos e as pretenções de interesses por mais desencontrados que sejam, é tambem intuito da Escola.

O *Raciocinio* será utilizado na sua integral acepção, que consiste em provar a verdade de um conhecimento pela verdade demonstrada de outro.

Entre Descartes e Kant a Escola de Ensino Racional nega o *Racionalismo* deste, porque a fé, em materia metafisica é a cegueira espiritual.

Com Descartes a Escola aceita a afirmativa de que a *Razão* fornece ao homem elementos necessarios para desenvolver ideias que lhe são inatas.

Tudo está no exercicio mais ou menos intensivo desta.

A Escola de Ensino Racional reconhece, que a força potencial da Razão depende da maior ou menor intensidade vital dos orgãos sensitivos do individuo.

Daí o seu cuidado em obter *mens sana in corpore sano* para os educandos.

Sob o ponto de vista social o *Racionalismo* que se procura pôr em pratica coloca em primeira plano o trabalho para evitar os inconvenientes de avolumar, de futuro, já não o proletariado oprimido, mas a multidão de vadios escravos da fome e naturais inimigos da sociedade.

A Escola de Ensino Racional pretende tambem concorrer, por meio da educação, para atenuar o grande cortejo de circunstancias que tendem a desirmanar os homens no seio da comunhão social.

Antes de tudo, e por meio de conferencias publicas, esforçar-se-á por divulgar a conveniencia da pratica do racionalismo.

As primeiras aulas primarias serão abertas á frequencia publica logo que haja racionalistas que se devotem ao ensino.

Obedecerão a estas regras: primeiro educar, segundo instruir; primeiro a pratica, por ultimo a teoria; primeiro o util, depois o dispensavel.

A Escola ensina a praticar o bem por amor ao proprio bem, por entender que assim o deve ser.

A unica religião que admite é a do Dever, cujo primeiro artigo é *amor aos fracos* e aos menos capazes.

Ha egoismos bemditos e este, da sociedade procurar o seu bem estar, o seu sossego, servindo aos pobres, é um deles.

Como vêdes, nada ha aí de novo: traducção e compilação, sómente.

Se esposais o racionalismo, dizei-nos se podemos contar com o vosso apoio.

Porto Alegre, 1914.

Pelo Conselho Deliberativo: VIRGINIA RESENDE, A. G. LIMA, J. DOMINGUES D'ALMEIDA.

Secção amena

Num exercito em que os soldados são forçados a professar qualquer religião, um deles, amigo de dormir, mostra intenções de mudar de fé.

— Porque preferes essa nova religião? pergunta o oficial.

— E' porque nela o oficio da manhã começa meia hora mais tarde.

♚ ♚ ♚

O sr. Teixeira regressa do trabalho e não vê o filho.

— Onde está o Tonico?

— Mandei-o para a cama, por ter rogado pragas.

— Ah! o maroto! Eu vou ensina-lo a rogar pragas.

Subindo a escada, escorrega, dá com os queixos num degrau e profere uma saraivada de pragas tremendas. A esposa diz-lhe então de baixo:

— Basta, basta! Para a primeira lição, já é mais do que suficiente.

♚ ♚ ♚

Um pintor, que enlouqueceu, mostrava aos seus visitantes um quadro, onde não havia pintura alguma.

— E' a passagem do Mar Vermelho pelos israelitas, fugindo diante dos egipcios, dizia ele envaidecido.

— Mas onde está o Mar Vermelho?

— Retirou-se para deixar passar os israelitas.

— E os israelitas, onde estão?

— Já passaram.

— E os egipcios?

— Ainda não chegaram.

Este quadro é um bom simbolo daquela lenda.

DE BAURU'

A Sociedade Luz, que, com louvavel esforço, mantem a Escola Moderna desta cidade, realizou, na noite de 24 para 25, um animado sarau em beneficio da sua escola, na séde da Sociedade Dante Alighieri, que gentilmente sempre a tem cedido, não só para lá funcionar a escola, mas tambem para realizar todas as suas festas que até hoje se tem efectuado.

A velada constou de quermesse, tombola dum navio em miniatura, belo trabalho oferecido pelo distinto cavalheiro Cariani, e de uma grande boneca e tambem de leilão duma belissima caixa mosaica, fabricada pelo nosso amigo Lino Pavan. A concorrencia foi bastante grande, dado o dia improprio em que se realizou, devido á maioria do povo guardar os preconceitos religiosos, e á tremenda crise por que atravessamos.

As ricas prendas oferecidas são a prova mais eloquente da simpatia que esta sociedade vai grangeando entre este povo que caminha decididamente para o seu progresso moral.

***

A mesma Sociedade Luz tenciona realizar outro sarau no dia 1.° do ano novo. Do que houver informarei os leitores.

***

Enriqueceu o lar do nosso camarada Luiz Bonetti um belo pimpolho, que se chamará Jorge.

Nossos cumprimentos aos pais.

***

A policia, como sempre, tem praticado as suas violencias e arbitrariedades contra cidadãos em pleno goso de seus direitos, desrespeitando todas as leis positivas para dar pasto ás suas prepotencias.

J. Jubert.

O NOSSO 3.° CONCURSO

Qual é a origem do padre?

As respostas premiadas

Diz bem o ditado que mais vale tarde do que nunca. E' o nosso caso. O resultado do nosso terceiro concurso tardou mas cá está, finalmente, para satisfazer a espectativa dos leitores da *Lanterna* que o acompanharam.

Conforme anunciámos, encarregámos a Liga Anticlerical do Rio do trabalho do julgamento e essa agremiação, por sua vez, confiou-o ao dr. José Oiticica, que nos transmitiu o seu parecer.

De acordo com as normas estabelecidas para o concurso, foram premiadas uma resposta em prosa e outra em verso, não tendo sido enviada nenhuma em caricatura.

Em prosa foi classificada em primeiro lugar a resposta de Altivo, residente em Jahú. E' a seguinte:

Em busca das riquezas de uma ilha inexplorada, zarpou de um porto do Oriente, aí pelo ano de 365, um veleiro carregado de aventureiros.

Atacados em alto mar por terrivel borrasca, foi a embarcação ao fundo, de todos salvando-se apenas duas mulheres e tres homens, que se abrigaram em uma pequena ilha.

Ai viveriam todos bem, se tres fossem as mulheres. As disputas eram constantes, até que um dia o mais fino dos tres homens disse:

— Isto não pode continuar; desta maneira um dos tres precisaria desaparecer e eu encontrei uma solução para o caso: Vocês ficam com as mulheres e trabalham para que todos possamos viver e eu ficarei encarregado de pedir a Deus a sua proteção para vós, para as vossas mulheres e para que as colheitas sejam fartas

Aceitaram os ingenuos, ficando cada qual com a sua mulher... e o finorio com as duas.

E assim, da mentira e da hipocrisia teve origem o padre.

Em verso foi escolhida a resposta de F. Guedes, residente em Ribeirão Bonito. Ei la:

Nas ruinas dum antigo e lugubre castelo,
Em noite carrancuda-o céu pesado e escuro,
Repoisava Satan em cama dum monturo,
Tendo por travesseiro um saco de farelo,

Corre-lhe o ventre lasso um grave pesadelo,
Certissimo sinal dum parto prematuro,
E incontinente foi deixar ao pé do muro
O aborto semelhante a um pobre cogumelo.

Nisto, o velho Satan teve esta ideia e zas:
Fez do seu tenro aborto um sacerdote audaz,
Hypocrita, embusteiro, abutre, libertino...

E logo de manhã disse em voz alta ao povo:
— Patetas! eis aqui a gema do meu ovo!
O fruto do meu ventre, o Padre — S. Faustino!

Os autores dessas respostas teem á sua disposição o seguinte premio:

Uma coleção de quatro anos da *Lanterna*, uma assinatura anual, e os livros *O Papa Negro*, *Electra*, *Nole me tangere* e *O Celibato*.

***

Tiveram ainda menção de destaque as seguintes respostas:

Quereis ter um padre da Igreja Romana? Aqui tendes a receita de resultado infalivel:

Impostura	100	gramas
Ladronice	105	»
Corrupção	107	»
Falsidade	125	»
Rapinagem	105	»
Estrume humano	150	»
Idem de porco	100	»
Idem de burro	100	»
Idem de gralha	50	»
Veneno de vibora	100	»
Lagrimas de cocrodilo	100	»

Juntai tudo, deixai que se fermente até á putrefacção e deitai depois por cima pó de carvão. E dareis origem ao ao padre — *Paulo d'Aurea.*

Arco-Verde, 22—4—914.

***

Conforme afirmam os religiosos, Deus criou o homem á sua imagem e semelhança. Aconteceu, porêm, que, estando o homem já criado, houve no céu uma encrenca dos diabos. Um anjo rebelou-se contra o Senhor, sendo por isso expulso e lançado para baixo.

Esse anjo, que ficou sendo o Demonio, uma vez nas profundezas do abismo para o qual fôra lançado, quiz vingar-se. Como fazer? E pensou: Deus fez o homem á sua imagem e semelhança, pois eu vou fazer o mesmo. E se assim pensou, melhor o fez. Depois de sua obra concluida, contemplou-a com um sorriso de satisfação e disse ao monstro.

— A tua missão será esta: Parte para a terra e uma vez lá rouba, espalha a mentira, a hipocrisia, a imoralidade, o terror, a miseria, a carnificina, a guerra, em nome de Deus, que me condenou a uma tão dura existencia. E assim teve origem o padre. — *Izabel Bertolucci Cerruti.*

S. Paulo, 24—3—914.

***

Daremos em outro numero, a titulo de curiosidade, algumas das respostas que deixaram de aparecer na ocasião oportuna por terem chegado depois do prazo marcado ou por excederem do numero de linhas determinado.

NOTAS DO RIO

Causa indignação o relaxamento que vai por quasi todas as igrejas aqui do Rio. Na Praça 15, junto á Candelaria, que ainda está por acabar, uma igreja imunda espera por um retoque; um *santo* que está por cima da porta de entrada, ha bem anos, tambem espera uma pincelada.

Esse *homem* é o unico que se lava com a agua da chuva e sempre veste a mesma roupa, porque não gosta das modas exageradas cá da terra...

Na igreja da Lapa, não contando com os padres, ha uma boa porção de larapios.

Tem desaparecido algumas bolsas das crentes que vão lá rezar, não se sabendo como.

Será rato de sacristia? Não sei. O que posso afirmar é que, ha bem poucos dias, uma senhorita que para lá foi santamente rezar, ficou sem a bolsa que continha dinheiro, joias, etc. Como isso foi não sei.

Não ha um só destes templos que não tenha uma ou duas carolas a pedir uma esmolinha para este ou aquele santo. E' uma lastima.

O peor é que o povo enche o samburá do santo ou santa, esquecendo-se que bem ali juntinho estão pobres coitados morrendo de fome.

Não satisfeito com o que pedem *as filhas de Maria*, os padres, ainda por cima, no meio ou no fim da pratica trazem outro embornal para catar mais uns niqueis. O enche-vasa sempre volta cheio, como a pança de quem pede.

E... o povo ainda chora por causa da crise! Não tem dado já tantas esmolas? Não basta?

E como assim é, o que Deus tinha a fazer era mandar umas granadas maiores do que as de 420 dos alemães para destruir o Vaticano, os templos e o clero, já que não fazem milagres, ou, então, mandar um novo Cristo (de pau, porque o de barro não valeu) para ser crucificado e para espancar os padres, que são os maiores vendilhões do templo.

Disse-me um Sacy, na noite passada, que se Cristo não vinha era porque tinha medo das guerras que impestam o nosso planeta...

Tambem eu queria guerrear, mas as minhas granadas são de pequeno calibre, por falta de polvora. Em todo o caso o primeiro tiro saíu. Esperem por mais.

M. Chaves.

24 — XII — 1914.

Livros de propaganda

Um companheiro que se encontra desempregado e sem recursos deseja vender os livros de propaganda de que dispõe. São os seguintes:

«La Conquista del Pan», de Pedro Kropotkine; «Las Prisiones», do mesmo autor; «Campos, fabricas e talleres», de Eliseu Reclus; «Mi viage al redor del mundo», 2 tomos, de Darwin; «El origem del hombre», do mesmo autor; «La verdadera vida»; «Psicologia de militar profisional», de Hamon; «El compadre Mateo»; «La religion al ancance de todos», de Ibarreta; «Espejo moral de los clericos»; «Puntos Negros»; «Evolucion super-organica» e diversos outros.

Todos estes livros estão cuidadosamente encadernados e em perfeito estado de conservação.

Quem os desejar adquirir, todos por junto ou separadamente, dirija-se á rua Carneiro Leão, 62 (Braz) ou á nossa redacção.

FOLHETIM DA LANTERNA (46)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lantern'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XX

Após o combate

— Meu padre, estais aí?

Santafierno reteve uma imprecação prestes a escapar-lhe: não só não pudera cear, mas até de dormitar o impediam! A primeira ideia que lhe acudiu, porêm, é que chegava a Santa Hermandad para se apossar dele. Logo depois voltaram-lhe ao espirito, mais lucido, as palavras "meu padre", ocorrendo-lhe então que este chamamento respeitoso só podia dirigir-se a frei Paco.

Decerto o importuno visitante estava admirado de não receber resposta, porque, decorrido um momento, reiterou a pergunta:

Meu padre, estais aí?

— Voz de mulher, pensou Santafierno.

Homem decidido, tomou uma resolução rapida; visto que pelo ermitão o tomavam, do ermitão faria o papel. Imitando como podia a voz de Paco, perguntou:

— Quem sois e que me quereis?

A visitadora nocturna devia estar profundamente agitada, pois não notou a substituição. Santafierno, que se soerguera, tapando a cara com uma ponta da capa, distinguia na sua frente, imovel na obscuridade, um pequeno vulto negro. Da sua parte, ele era quasi invisivel.

— Meu padre, murmurou com voz tremula a desconhecida, eu sou a Lolita Panso, aquela que vos trouxe uma perna de porco fumada, ha três dias, em reconhecimento duma absolvição.

— Ah! bem sei, minha filha, já me recordo! respondeu Santafierno.

Paco referira-lhe sucintamente como era sustentado pela religião dos fieis e o cavaleiro pressentia agora que ia poder cear.

— Pois, meu padre, prosseguiu a voz dolorida de Lola, andará o diabo metido nisto? Não sei; mas o que sei é que, tendo eu hoje trabalhado no campo até mais tarde que de costume, o Iago grande arrastou-me á noitinha para um bosque...

— Fostes por vossa vontade ou fostes forçada? interrompeu Santafierno, metendo-se todo no seu papel de confessor.

— Ai!... Forçada de todo, não fui.

— Quer dizer que achaveis um prazer culpado em deixar-vos deshonrar... porque ele desonrou-vos, não desonrou?

— Ai!... desgraçadamente...

— Muito bem. Pois haveis de me trazer um presunto, mas já.

— Um presunto, meu padre? Mas da ultima vez, pelo mesmo pecado, foi só uma perna, com cinco ave-marias.

— Deus é misericordioso, minha filha. Suprimo as ave-marias, mas aumento ao comprimento da perna de porco.

Lola deu um suspiro de partir o coração.

— Ai! meu padre, ainda ha mais.

— Mais, desgraçada! rosnou Santafierno, pensando ao mesmo tempo: "A coisa vai-se pondo cada vez melhor: parece-me que vou regar o presunto".

— Meu padre, prosseguiu a penitente, bem sabeis que não é a primeira vez que cometo este pecado. Por isso, não teria eu vindo acordar-vos a esta hora, se eu não tivesse cometido tambem — sem querer, decerto, isso tambem: o juro — outro pecado... um pecado mortal.

Foi com voz sufocada pela angustia que ela articulou a ultima palavra.

— E' horrivel, o vosso caso, disse Santafierno estregando as mãos. Ide dizendo.

— Pois, quando Iago me deixou, levantei-me e reparei em que o sitio onde me tinha... deitado formava uma elevação encimada por uma cruzinha... tão pequena que eu nem sequer a tinha visto.

— Tripas do papa!

Foi o falso ermitão que soltou esta exclamação ultra-profana. Muito felizmente, Lola, imersa no seu desespero, não compreendeu as palavras: só ouviu a voz trovejante do confessor, que lhe pareceu ser a do proprio céu.

Santafierno notou logo que saira do seu papel. Sem dar á aldeã tempo de voltar a si, continuou tempestuoso, rolando ameaças, como vagas irritadas:

— Uma cruz!... Desonrar o emblema da salvação!... De joelhos, desgraçada!... Roja a fronte pelo chão!... Beija a terra! O' lubricidade!... Recita o acto de confissão e bate no peito!

A penitente, desvairada, atordoada, procurava entregar-se simultaneamente a todos esses exercicios. Não reconhecendo já — e com razão — a voz do seu confessor habitual, imaginava que, pela boca deste, era Deus que lhe falava.

Coisa bizarra, Santafierno representando esta comedia, mantinha-se crente sincero. Considerava a confissão como sacramento indispensavel, e a profanação duma cruz como o maior dos crimes. Todavia, preparava-se para tirar todo o partido da situação.

— Para expiação desse crime sem nome, continuou ele depois de ter dado a Lola tempo de acabar a oração, correreis a vossa casa sem parar, metereis num saco o presunto, pão, um odre de vinho, e voltareis logo com o saco ao ombro, recitando alternadamente o padre-nosso e a ave-maria. Já me esquecia: haveis de jejuar amanhã durante o dia todo. Ide!... Só vos darei a absolvição quando voltardes.

O cavaleiro era pessoa cautelosa.

Esporeada pelo temor do inferno, partiu. Lola o mais depressa que lho permitia a obscuridade semiopaca. Não tinha decorrido uma hora, já ela reparecia, ofegante, carregada com todas as provisões pedidas.

Santafierno começou por sopesar o presunto.

— Hum! é bem pequena! disse ele.

(Continua).

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$700.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias.

Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a	1$000
Retratos de José Nakens, cada um a	1$500
Uma duzia de postais anticlericais	1$200

EM PORTUGUEZ

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de "A Aurora", para 1913	1$000
Almanaque de "O Livre Pensador"	$800
Marco A. Panerte, "Giordano Bruno»	$200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco»	$200
Domingos Zapata, «As 67 celebres perguntas»	$200
I. A. Betoldi, "O Livro da Verdade"	$500
José Augusto de Castro, "Mensageiro da morte" (Poema anti-jesuitico)	$100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato»	$200
Natanael Pereira, "A educação religiosa»	$200
Eugéne Pelletan, «A Inquisição»	$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus»	$200
Monsenhor Silvestre de Chateaurenard, «O celibato»	1$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista»	1$500
Luiz Bulfi, «Greve de Ventres»	$200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu»	$200
José Rizal, «Noli me taugere»	$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista»	1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario"	$100
» » « Entre camponeses »	$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa»	2$500
» » « Giórgicas » (ao trabalhador rural)	$100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, « O Papa Negro »	2$000
Carlos Dias, " Semeando para colher"	$200
Guerra Junqueiro, " A velhice do Padre Eterno "	2$000
Pedro Krepótkine, " O comunisco anarquico "	$200
Chacon Siciliani, " Mentiras Divinas " (cartas aos crentes)	1$700
Adolfo Lima, "O ensino da Historia", 1 fol. de 63 pag.	$700
» » "O Teatro na Escola"	$400

EM ESPANHOL

Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento"	$300
Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo)	$300
Pey Ordéix, «El pueblo á la aristocracia"	$300
Ramon Chies, "A una madre"	$300
Potvin, "La democracia y la Iglesia"	$300
Edmundo Gonzalez, "La libertad de enseñanza"	$300
Por varios autores, "Sonetos Piadosos"	$300

EM FRANCEZ

Jean Grave, "Si j'avais á parler aux electeurs"	$100
André Girard et M. Pierrot, "Le parlamentarisme contre l'Ation Ouvriére"	$100
Pedro Kropotkine, "Le Salariat"	$200
E. Malatesta, "Entre paysans"	$300

EM ITALIANO

Romanzo di una donna, "Angelo Longeretti"	1$500
Alceste de Ambris, "L'Argentina e l'Imgrazione Italiana"	$300
Antonio Labriola, "Del Socialismo"	$400
Gaetano Zibordi, " La historia de Federico "	$400
Um laico, " La politica eclesiastica in Italia "	$300
Giovanni de Nava, " Delinquenza e misticiomo "	$200
P. Guarino, " Sole a scacchi "	$400
Luigi Campolonghi, " Azione sindacale "	$300
G. Stiavelli, " Il Primo Maggio nella letteratura "	$400
G. D'Amato, " Ai ragazzi felice "	$200
Paul Adam, "Il figliuol prodigo "	$200
Francesco Pucci, " Il dovere de organizzarci "	$200
F. Nicolini, "Il pane gratuito "	$200
Maximo Gorki, « Interviste "	$600
» » " Il compagno "	$200
Eliseu Reclus, " I podrotti dell'industria "	$200
» » " I prodotti della terra "	$200
Leda Rafanelli, " Alle madre italiane "	$200
Paul Lafarga, " Il diritto all'ozie "	$200
Dott. G. C. C., " Guerra all'alcool "	$200
G. Pozzi, " Favole ed apologhi socialista "	$200
Oreste Ristori, " Polemiche sull'Anarchia "	$300
» » " Operai non bevete! "	$100
Pietro Kropótkine, " L'agricultura »	$200
E. De Amices, " Il socialismo e l'egualianza "	$100
» » " Consigli e moniti "	$100
E. Vondervelde, " Le cittá Piovre "	$300
Costa Andrea, " Un sogno "	$100
» » " Il socialismo "	$100
C. Monticelli, " Il primo giorno del socialismo "	$300
» » " Lo sciopero "	$100
E. Ciacchi, " Ai contadini "	$100
» » " Le nostre leghe "	$100
Dott. Biel, " Il socialismo per tutti "	$100
O. G. Viani, " Abbecedario dell'economia sociale "	$200
G. Renard, " Agli studente "	$100
Leopoldo de Fazio, " Canzone vegetale "	$300
A. Valente, " Conferenze socialiste "	$300
G. Paoloni, " Primo Maggio "	$100
B. Carlantonio, " Le istituzione e la morele "	$100
Feari e Ciccotti, "Contro la marina militare " (discorsi)	$300
» » " Per la riduzione delle spese militari "	$300
Resoconto del 1.º Congresso dei lavoratori della terra	$200
Avv. Emilio Bossi, " Gesù Cristo non è mai esistito "	2$000
Almanacco della Rivoluzione (1909)	1$000

CAROLISMO AGUDO

Cura-se com duchas semanais da "Lanterna"

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo.

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do paiz)

O Sagrado Coração de Jesus

E' um folheto de indiscutivel interesse para a propaganda anti-clerical. Nele se descrevem com perfeição as alucinações histericas daquela pobre doida que se chamou Maria Alacoque

PREÇOS

Um exemplar	$200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

• • •

Preço, livre de porte, 2$500.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livres do porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	42$000
100 » »	14$000
50 » »	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

NO PAIZ DOS FRADES
DE JOSE' RIZAL
UM VOLUME DE 134 PAGINAS $600

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

LA BATAILLE SYNDICALISTE
10, BOULEVARD MAGENTA — PARIS

Interessante diario sindicalista revolucionario.

Colaboradores: Merrheim, Monatte, Harmel, Roudine, F. Delaisi, James Guillaume, Malato, Laisant, S. Faure, Madalena Vernet, Griffuelhes, Jouhaud, Yvetot, Vigné d'Octon, etc.

Um ano	31 francos
Meio ano	16,50 »
3 mezes	9 »